

## OUTRA FACE EM *FRANKENSTEIN*: CAPITÃO ROBERT WALTON SOB O OLHAR ECOCRÍTICO<sup>1</sup>

Jaqueline Rodrigues da Silva Pereira<sup>2</sup> (UFPR)

### RESUMO

Este trabalho analisa a postura exploratória do navegador Robert Walton e o desequilíbrio que ela promove, numa perspectiva ecocrítica. Com o objetivo de examinar esta personagem do romance *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, de Mary Shelley, considerada por alguns pesquisadores uma figura sem tanto mérito, pretende-se demonstrar, a partir de suas ações na narrativa, uma potencial preocupação da autora com as questões de agravamento das condições ambientais, essenciais para a compreensão do contexto socioambiental da época, ou mesmo oferecer elementos para que o leitor contemporâneo repense seu papel enquanto agente social que precisa se comprometer com o bem comum. O desejo pela exploração da natureza e pelo domínio de terras nunca antes exploradas caracteriza a personagem. “Saciarei minha intensa curiosidade quando avistar uma parte do mundo nunca antes visitada, e talvez pise em terras onde antes homem nenhum deixou suas pegadas” (SHELLEY, 2012, p. 19-20). A metodologia utilizada nesta pesquisa se valeu da análise literária, por meio de pesquisa bibliográfica com autores que discutem a literatura e também a ecocrítica. Foram utilizadas obras do crítico literário Alfredo Bosi (2006), cujos materiais fundamentaram questões de literatura, textos de Fritjof Capra (1996) e de Greg Garrard (2006), que abordam, em seus trabalhos, questões ecológicas. Além destes, outros estudiosos se destacaram neste percurso, como o filósofo, psicanalista e ativista revolucionário francês Félix Guattari (1990), cujos estudos sobre ecosofia contribuíram para compor a análise da personagem em estudo. Conceitos discutidos por Leonardo Boff (1995), Michel Serres (1991) e Ernest Callenbach (2001), dentre outros também serviram de suporte teórico para este trabalho. A partir da atitude antropocêntrica e capitalista de Walton, de que o ser humano, nas mais diferentes épocas ou sociedades sempre esteve disposto a desbravar e a dominar a natureza a qualquer custo, verificou-se o quanto tais comportamentos são agressivos tanto para o meio ambiente quanto para os seres humanos, em toda sua constituição (física, psíquica e social) “O capitalismo mobiliza nos seres humanos uma capacidade de resolução de problemas que é sensato não subestimar” (GARRARD, 2006, p. 34). Para Garrard, os problemas ambientais enfrentados no planeta não são “causados apenas por atitudes antropocêntricas, mas decorrem de sistemas de dominação ou exploração de seres humanos por outros seres humanos” (2006, p. 47-48). Walton também demonstra uma postura fundada, por princípio, no controle de outros homens para dominar o meio natural ao se estabelecer nele como um ser superior, com a convicção de possuir total direito de exploração, assim como outros homens outrora o fizeram. Propõe-se assim, uma reflexão ecocrítica do romance acerca das consequências de atitudes antiecológicas como as de Walton (embora o termo seja anacrônico), para o agravamento das condições de vida no planeta.

**Palavras-chaves:** Frankenstein. Ecocrítica. Literatura.

<sup>1</sup> O presente texto é um recorte de minha dissertação de mestrado em Estudos de Linguagens, defendida em março de 2020 e intitulada “*Frankenstein, ou o Prometeu moderno, de Mary Shelley: espaço e personagens em uma perspectiva ecocrítica*” (UTFPR), sob a orientação do Drº Márcio Matiassi Cantarin.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculada à linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs), pela Universidade Federal do Paraná – UFPR sob a orientação da Drª Deise Cristina de Lima Picanço. Mestre em Estudos de Linguagens, pela UTFPR (2020). Graduada em Letras pela UNIPAR (1998). Professora efetiva de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa da Secretaria de Estado de Educação do Paraná.

## INTRODUÇÃO

A obra *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, de Mary Shelley que conta a história do cientista Victor Frankenstein e de sua criatura inspira leitores desde sua publicação em 1818 até os dias atuais. Adaptada para diversas mídias, tanto para o cinema quanto para outros produtos culturais, possibilitou a visibilidade e a disseminação deste clássico. No entanto, nem todos que já ouviram falar sobre *Frankenstein* leram a obra original e conhecem o teor da narrativa e as demais personagens. Este trabalho faz uma análise da postura antropocêntrica e exploratória do navegador Robert Walton, personagem de Shelley, que ousa, assim como o cientista, protagonista do romance, desafiar as leis da natureza para alcançar seus objetivos.

Para compreender, portanto, as atitudes do capitão Robert Walton diante do elemento natural, bem como as relações que ele estabelece com seus pares e com seus próprios conflitos, é importante conhecer brevemente o enredo e as principais motivações da personagem principal Victor Frankenstein em seu empreendimento, que se diferencia em muitos aspectos do propósito do navegador, mas que tem uma aproximação no que se refere aos conflitos por eles experimentados a partir dos seus feitos audaciosos.

Victor Frankenstein é um homem destemido e tem como principal objetivo descobrir o segredo da vida. Após sofrer com a morte de sua mãe, sua aspiração é a de encontrar uma forma de evitar a morte, para que ninguém mais sofra com a triste separação de um ente querido. Além disto, enquanto cientista, ele sabe que seu nome seria aclamado como alguém cuja descoberta poderia mudar os rumos da vida de todas as pessoas. E ele consegue criar vida em laboratório a partir de partes de corpos, o que se pode constatar como algo revolucionário e grandioso, embora fosse uma atitude agressiva à natureza humana. Percebe-se portanto, que, além do desejo de trazer conforto para a humanidade, a fama, a glória e a fortuna fazem parte de seu intuito, o que também pode ser reportado a Walton diante do seu interesse de exploração do elemento natural, o que será problematizado neste estudo.

Muitos pesquisadores já examinaram a obra, a autora e as personagens centrais nas mais diversas áreas do conhecimento. No entanto, pouco se debate acerca do navegador Robert Walton, personagem que ganha uma visibilidade um pouco menor nas mais variadas pesquisas do texto da escritora britânica, mas que no decorrer da narrativa tem um papel fundamental na constituição do enredo e que merece espaço neste estudo. *Frankenstein ou o Prometeu moderno* é um texto epistolar, conduzido inicialmente pelas cartas que Walton envia para sua irmã Margaret Saville, na Inglaterra. É a partir destas cartas que o leitor entra em contato com a história que, em outras partes da obra, tem alternância de narradores, mas que termina da mesma forma como iniciou, com a narrativa de Walton por meio de cartas. Este trabalho promove uma leitura ecocrítica do comportamento humano na obra, com especial destaque para esta figura masculina, menos estudada, se comparada aos demais, nas pesquisas já realizadas.

Para estabelecer brevemente os conceitos aqui aplicados, é importante ressaltar que a ecocrítica, teoria que conduz a análise, estuda a relação entre a literatura e as questões que permeiam o meio ambiente e suas implicações na sociedade. A obra em estudo pertence ao romantismo e, segundo Alfredo Bosi, “a natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa” (2006, p. 93). É importante destacar, neste sentido, que, para Bosi, “ela *significa e revela*. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação” (2006, p. 93). A partir desta consideração, pode-se compreender a importância da representatividade da natureza em

*Frankenstein, ou o Prometeu moderno* para os estudos ecocríticos e para a análise do capitão Robert Walton cujo desempenho na narrativa se dá em meio ao elemento natural. O navegador busca explorar o meio ambiente com o intuito de alcançar seu objetivo que é encontrar uma passagem para terras nunca percorridas em meio ao gelo do Ártico com vistas ao progresso do comércio. Entretanto, ele não tem consciência de que seus atos podem ser destrutivos.

É importante destacar ainda, as três ecologias preconizadas por Félix Guattari (1990), que farão parte da análise da personagem em estudo. A ecologia social, que versa sobre novas formas de relacionamento interpessoal elucida que, por mais que tais relações fossem mais simples quando as populações eram menores e o planeta se encontra em uma nova configuração social e demográfica, as relações humanas precisam ser ressignificadas. Outra ecologia apresentada por Guattari é a mental, que se refere ao cuidado e à relação do indivíduo com seu próprio corpo e com o equilíbrio de sua psique. Ela busca refletir criticamente sobre as subjetividades. E a ecologia ambiental, que chama a atenção para a manutenção do equilíbrio da natureza em todos os seus aspectos. É notório que o meio natural sofre as consequências da poluição e da degradação promovida pelo desenvolvimento do capitalismo e isto precisa ser revisto com o intuito de solucionar, ou mesmo minimizar os problemas ambientais pelos quais passa a humanidade.

Além dos cuidados propostos por Guattari, o físico teórico, ambientalista e ativista Fritjof Capra salienta que “enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos)” (1996, p. 25). Com a consciência de que estamos todos interligados, este material promove uma significativa investigação, uma vez que é importante que o ser humano se reconheça enquanto ser que atua no planeta e perceba que suas ações podem contribuir para sua manutenção ou para sua destruição. E o texto literário aqui estudado promove reflexões que levam o leitor a pensar criticamente com relação ao sentido mais profundo dos problemas ambientais emergentes.

## **CAPITÃO ROBERT WALTON**

A principal ação do capitão Robert Walton na narrativa é comandar uma expedição náutica com o intuito de localizar uma passagem para o Pólo Norte, algo tido como inusitado para as condições da época. Seu papel na narrativa é um tanto quanto singular. Diante das duas principais personagens que conduzem a trama, Victor Frankenstein e sua criatura, é possível considerar o navegador uma personagem sem tanta expressividade no enredo. No entanto, para este estudo, as ações do desbravador e as descrições dos lugares e dos acontecimentos podem fornecer indícios de uma potencial preocupação da autora com as questões referentes ao meio ambiente que já demonstrava sinais de agravamento das condições ambientais naquele momento.

É possível, a partir das atitudes do capitão, compreender alguns apontamentos sobre o contexto socioambiental da época. Além disto, o leitor contemporâneo poderá, a partir de uma leitura mais atenta, repensar seu papel como cidadão que precisa agir conscientemente na sociedade, com especial destaque para as questões que versam sobre o cuidado com o meio ambiente. O sonho de Walton de dominar uma parte do planeta nunca antes perscrutada revela seu intuito de exploração do elemento natural e o coloca como um ser destemido diante da grandeza da natureza. Ele se sente superior, capaz de controlar o tanto meio natural quanto as pessoas a sua volta.

Robert Walton está convicto de que, caso obtenha sucesso com seu empreendimento, a sociedade será beneficiada. A possibilidade de mudar o curso do desenvolvimento do comércio e, conseqüentemente, ampliar o alcance das negociações, o deixa entusiasmado. Ele tem consciência de

que esta conduta desbravadora pode imprimir seu nome na história da humanidade. “These are my enticements, and they are sufficient to conquer all fear of danger or death [...]”<sup>3</sup> (SHELLEY, 2003, p. 16). Nota-se, neste excerto, que Robert Walton, enquanto ser capitalista é um homem cuja atitude antropocêntrica caracteriza sua coragem diante da conquista de novos territórios. A partir de sua visão exploratória é possível refletir sobre como o ser humano sempre foi imbuído pelo desejo de domínio da natureza, de forma a atender suas necessidades e anseios a qualquer custo.

De acordo com Michel Serres, o ser humano não considera o valor de todos os seres para a continuidade da vida no planeta e não se reconhece como parte da natureza, o que pode promover seu desequilíbrio. Para o filósofo “A ciência soma fato e direito: daí seu lugar hoje decisivo. Em situação de controlar ou de violentar o mundo mundial, os grupos científicos se preparam para governar o mundo mundano” (1991, p. 34). É com esta vontade de explorar a natureza que Walton também imprime sua força e poder para dominar, além do meio natural, outros homens. Sua ambição diante da possibilidade de glória e de fama faz com que ele procure este domínio sem mensurar as consequências de seus atos. Tais pensamentos e atitudes também fazem parte do comportamento das pessoas nos mais diversos períodos da história e promove a destruição ambiental em larga escala.

Ao discorrer sobre o as pessoas e sobre suas ações nas diferentes manifestações sociais, Leonardo Boff considera que “O ser humano, nesta prática cultural, se entende como um ser sobre as coisas, dispondo delas a seu bel-prazer, jamais como alguém que está junto com as coisas, como membro de uma comunidade maior, planetária e cósmica” (1995, p. 17): uma visão antropocêntrica que coloca o ser humano no centro do universo, cujo poder e liberdade tidos como ilimitados conferem a ele uma posição superior em relação aos demais seres, o que acarreta em problemas de proporções gigantescas e de consequências devastadoras. (PEREIRA, 2020, p. 90).

Walton confia em sua capacidade de seguir com seu intuito e obter êxito. Ele afirma para sua irmã que “You will rejoice to hear that no disaster has accompanied the commencement of an enterprise which you have regarded with such evil forebodings”<sup>4</sup> (SHELLEY, 2003, p. 15). Neste momento da narrativa é possível compreender o quanto o navegador ainda acredita em seu propósito e o quanto sua visão masculina contrasta com os pensamentos de sua irmã, que julga que ele está arriscando sua vida. Mais uma vez nota-se, na figura do desbravador, uma postura bélica diante da natureza. O poder que Walton presume imprimir sobre o elemento natural revela o quanto ele confia em sua força e em quanto ele considera a natureza inferior, tanto o meio ambiente quanto a natureza humana, o que se depreende a partir do comportamento que ele demonstra com relação aos homens que trabalham para que ele possa conquistar o que almeja. Mesmo assim, em alguns momentos, a beleza da natureza o encanta. Walton admira a paisagem majestosa que o cerca. Ele contempla o sublime, mas não se preocupa com as consequências de sua exploração. Vale ressaltar que o período das grandes navegações marca o contexto vivido pelas personagens do romance, o que é “coerente com os efeitos que o capitalismo e certos avanços da ciência e da técnica imprimiram nas diferentes classes sociais do período” (PEREIRA, 2020, p. 42).

---

3 “Isso é o que me fascina, e é o suficiente para afastar qualquer medo do perigo ou da morte, [...]” (SHELLEY, 2012, p. 20).

4 Você vai ficar contente em saber que nenhum desastre acompanhou o início de um empreendimento que você via com tão sinistros presságios (SHELLEY, 2012, p. 19).

No entanto, esta postura audaciosa não é suficiente para que Walton sustente toda sua ação de forma equilibrada. Percebe-se que ele se encontra em desequilíbrio psíquico quando considera a possibilidade de que Victor terá paz apenas quando morrer. O desbravador do Ártico sofre por se sentir impossibilitado de ajudar o novo amigo, ao constatar que somente a morte poderá trazer paz para ele. Tal constatação se dá quando, ao resgatar o cientista em seu navio, conhece o sofrimento advindo de seu trabalho. Walton se angustia diante da derrocada do novo amigo e acredita que “The only joy that he can now know will be when he composes his shattered spirit to peace and death”<sup>5</sup> (SHELLEY, 2003, p.213). O navegador sente compaixão e afeto pelo cientista ao imaginar como poderiam ter sido amigos em outra situação e em como Victor poderia ter sido alguém excepcional antes de promover o trabalho que estava destruindo sua vida e das pessoas que ama. Quando se pensa na relação que ambos brevemente constroem na narrativa, é possível verificar que certos comportamentos e sentimentos só podem ser compreendidos por outros seres humanos. Ambos precisam um do outro naquele momento de profunda dor e de incertezas quanto ao que o futuro reserva. Verifica-se, portanto, que uma relação empática e até mesmo afetuosa é imprescindível para o equilíbrio da ecologia psíquica do ser humano, já descrita a partir das três ecologias preconizadas por Guattari.

No entanto, percebe-se que o comportamento individualista que o enredo apresenta para ambos, o desejo por fama e pela exploração do meio natural ocorre também de forma indiscriminada na atualidade de maneira muito expressiva. Guattari afirma que, na atual conjuntura do planeta, “também desaparecem os gestos da solidariedade humana” (Guattari, 1990, p. 27). As pessoas precisam ser solidárias umas com as outras e demonstrar respeito pelo meio no qual se inserem. Com relação ao texto de Mary Shelley, nota-se o quanto estes dois homens precisam de alguma forma da manifestação de solidariedade do outro para restabelecer o equilíbrio perdido ao longo de sua vida e de sua jornada ambiciosa, o que é importante refletir também na atualidade. A ecocrítica prevê que o ser humano precisa manter os laços afetivos com outros seres humanos. Só assim ele se manterá também em equilíbrio.

Além de toda a preocupação com o equilíbrio da ecologia psíquica, é importante destacar que o mundo no qual se insere o homem contemporâneo passa pela globalização. Dentre tantos problemas que permeiam este mundo globalizado, o comércio e o consumismo desenfreado ganham destaque nas reflexões de Ernest Callenbach. Ele faz uma espécie de alerta para o futuro ao estabelecer relação entre os mais diferentes problemas existentes “com os hábitos de consumo dos norte-americanos disseminando-se por toda parte, promovidos pela mídia e pelas grandes empresas multinacionais. No entanto, essa tendência não pode durar para sempre” (2001, p. 32). Novos comportamentos, novos hábitos precisam ser estabelecidos pelas pessoas de forma mais consciente para que a vida humana seja preservada e que se restabeleça a harmonia entre os seres que compartilham deste planeta. Não há uma receita pronta e definitiva que possa orientar o comportamento do ser humano diante dos questionamentos que permeiam as demandas sociais mais pungentes. De acordo com Callenbach, “À medida que compreendermos melhor o “viver em paz”, conscientes das realidades ecológicas subjacentes ao nosso cantinho particular no planeta, teremos condições de escolher o que funciona em nossa situação” (2001, p. 33). É a partir desta consciência que o ser humano terá condições de atuar criticamente no meio, com vistas a promover o respeito por todas as espécies.

---

5 A única alegria que ele terá será quando reconciliar seu espírito abalado na paz da morte (SHELLEY, 2012, p. 233).

O comportamento invasivo que o capitão Robert Walton promove na natureza representa ainda, o que as pessoas na atualidade têm feito diante do elemento natural. As alterações climáticas pelas quais o planeta vem passando são abordadas por Bruno Latour (2019), em entrevista ao El país. Ele ressalta que “Antes, a angústia que a natureza nos causava vinha do fato de que éramos pequenos demais, e a natureza era imensa. Agora temos o mesmo tamanho, influímos em como a Terra se comporta” (2019, s/p). Questões como a destacada por Latour devem ser consideradas para uma reflexão crítica sobre as condições de vida na Terra com vistas a reconhecer que os recursos naturais são limitados e que todos devem se comprometer com o cuidado com a casa comum. O ser humano precisa se sentir parte da estrutura que rege a vida no planeta. Cada ser vivo precisa ser valorizado em sua individualidade e ter seu espaço preservado. É necessário refletir sobre a função de cada um no processo evolutivo e de desenvolvimento do meio ambiente. O ser humano não pode subjugar os demais seres pensando na satisfação de suas necessidades e, conseqüentemente, contribuindo para a degradação do ambiente natural e para o extermínio das espécies.

## CONCLUSÃO

Conforme já explicitado, o capitão Robert Walton é imbuído pelo desejo desenfreado de explorar, de investigar e de manipular a natureza, com o intuito primeiro de conquistar novos territórios com objetivos comerciais, mas também com o propósito de elevar seu nome e status social. A viabilização do comércio, o enfrentamento dos perigos, a postura desbravadora e corajosa são os pilares que sustentam sua prática. No entanto, ele se sente sozinho em meio ao gelo do Ártico. Mesmo em companhia dos seus subordinados, ele não os considera como pessoas capazes de suprir suas necessidades afetivas de amizade por acreditar que aqueles homens não pertenciam ao mesmo nível social que ele. Em analogia ao personagem central, o cientista Victor Frankenstein, Walton também justifica suas atitudes como necessárias e importantes para as demais pessoas. Estes dois homens se sentem os únicos capazes de realizar tais feitos, tidos como grandiosos e não se preocupam com os obstáculos a serem superados, mesmo que para tanto, vidas sejam ceifadas e a natureza, destruída. No entanto, Walton sofre com os efeitos de seus atos invasivos.

É importante refletir em como tais comportamentos podem ser reportados para a atualidade. Pensar a natureza como algo a ser preservado deve fazer parte da vida de todo ser humano. Afinal, cabe às pessoas atuarem para o bem comum. Desde grupos pequenos a grandes países precisam ter a consciência de que é necessário uma mudança radical de atitude, individual e coletiva, uma verdadeira transformação social para que os recursos naturais, limitados, não sejam minados, destruídos pela mão humana, por vezes impetuosa e invasiva. Latour aponta que “os europeus, os ocidentais, temos vivido numa Terra muito utópica. Imaginávamos que ela se desenvolveria *ad infinitum*, sem limites” (2019, s/p.). Na atual conjuntura, as pessoas têm a informação de que os recursos naturais estão chegando ao fim. Cabe a elas promover uma mudança nos hábitos. Tais mudanças, tanto de forma individual quanto coletiva, devem acontecer a partir de hábitos ecológicos a serem aplicados inclusive em escala massiva, nos mais diversificados âmbitos da sociedade.

Além da preocupação com os recursos naturais, é de extrema relevância pensar na sobrevivência e na manutenção das espécies. Todos os seres precisam viver em harmonia. O ser humano deve ter uma postura de respeito e de promoção do equilíbrio do meio ambiente para que a própria natureza humana seja preservada. O elemento natural não pode ser apenas decorativo e as pessoas não devem simplesmente se posicionar de forma contemplativa diante da natureza. É preciso promover ações que garantam a segurança e o convívio entre todos os seres que habitam o planeta,

vincular as mais diversas teorias e toda informação disponível em intervenções concretas. Todos precisam compreender seu papel na preservação ambiental e, conseqüentemente, na manutenção da vida. E vida em equilíbrio: psíquico, social e ambiental.

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1995.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CALLENBACH, Ernest. **Ecologia: um guia de bolso**. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix LTDA, 1996.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica: tradução de Vera Ribeiro - Brasília: Editora Universidade de Brasília**, 2006.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus, 1990.
- LATOURE, Bruno. “**O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo**”. Entrevista. El País, Marc Bassets 31 mar 2019; 15:37 Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812\\_652680.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html)> Acesso em: 14 mai. 2019. Não paginado.
- PEREIRA, Jaqueline R S. **Frankenstein, ou o Prometeu moderno, de Mary Shelley: espaço e personagens em uma perspectiva ecocrítica**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- SERRES, Michel. **O contrato natural**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein or the modern Prometheus**. Londres: Penguin Books, 2003.